

ídolos



OLHARES MILENARES

O ESTADO DA ARTE EM PORTUGAL



ídolös



OLHARES MILENARES
O ESTADO DA ARTE EM PORTUGAL

PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ y JORGE A. SOLER DÍAZ

Coordenadores científicos

N I M P R E N S A
N A C I O N A L



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL

Direção-Geral do Património Cultural



MUSEU
NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA



DIPUTACIÓN
DE ALICANTE

MARQ

MUSEO ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE



MUSEO EUROPEO
DEL AÑO 2004



MUSEO
ARQUEOLÓGICO
REGIONAL

ORGANIZAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia, Direção-Geral do Património Cultural (MNA/DGPC)
Diputación Provincial de Alicante. Área de Cultura
Fundación C.V. MARQ
MARQ Museu Arqueológico Provincial de Alicante
Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid (MAR)

MECENAS

Ferrovial Serviços, SA
Fundação Millennium BCP
El Corte Inglés
Pastéis de Belém
Vila Galé — Hotéis Vila Galé

**MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA,
DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO
CULTURAL**
(MNA/DGPC)

**DIRETOR-GERAL DO PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Bernardo Alabaça

**DIRETOR DO MUSEU NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA**
António Carvalho

**FUNDACIÓN C.V. MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO PROVINCIAL DE
ALICANTE**

**DIRETOR EXECUTIVO DA FUNDACIÓN
C.V. MARQ**
Josep Albert Cortés i Garrido

**DIRETOR DO MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE**
Manuel H. Olcina Domènech

**DIRETOR DE EXPOSIÇÕES DA
FUNDACIÓN C.V. MARQ**
Jorge A. Soler Díaz

**CHEFE DA UNIDADE DE COLEÇÕES
E EXCAVAÇÕES DO MARQ — MUSEO
ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE**
Rafael Azuar Ruiz

**ARQUITETO COLABORADOR DA
FUNDACIÓN C.V. MARQ**
Rafael Pérez Jiménez

SECRETÁRIO DA FUNDACIÓN C.V. MARQ
Francisco Ibanco Llorca

DEPARTAMENTOS TÉCNICOS
Unidade de Exposições e Divulgação
Unidade de Coleções e Escavações
Unidade Administrativa e Económica
Unidade de Didática, Acessibilidade e
Responsabilidade Social

**MUSEO ARQUEOLÓGICO REGIONAL DE
LA COMUNIDAD DE MADRID (MAR)**

DIRETOR
Enrique Baquedano

**CHEFE DO SERVIÇO DE CONSERVAÇÃO E
INVESTIGAÇÃO**
Elena Carrión Santafé

CHEFE DO SERVIÇO DE EXPOSIÇÕES
María Carrillo Tundidor

**CHEFE DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E
COMUNICAÇÃO**
Luis Palop Fernández

CHEFE DO SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO
José María Pérez Mármol

EXPOSIÇÃO — PRODUÇÃO

COMISSÁRIOS CIENTÍFICOS
Primitiva Bueno Ramírez
Jorge A. Soler Díaz

PROJETO EXPOSITIVO
Rocamora Diseño y Arquitectura

DESENHO GRÁFICO
Luis Sanz

**COORDENAÇÃO TÉCNICA. FUNDACIÓN
C.V. MARQ — MUSEO ARQUEOLÓGICO
DE ALICANTE**
Maria Teresa Ximénez de Embún Sánchez

**COORDENAÇÃO TÉCNICA. MUSEU
NACIONAL DE ARQUEOLOGIA**
Patrícia Batista
Raquel Lázaro

TRANSPORTE DE BENS CULTURAIS
Feirexpo, S. A.

SEGURADORA
Lusitania Seguros, S. A. — Mecenass
Institucional da Direção-Geral do Património
Cultural

ASSISTÊNCIA NA MONTAGEM
ANTRA Gestión Integral S.L
J. C. Sampaio, L.^{da}
Feirexpo, S. A.

APOIO TÉCNICO FUNDACIÓN C.V. MARQ
Ricardo Valer Gosálbez

APOIO TÉCNICO
Ana Margarida Gata Simão (MNA/DGPC)
Carlos Diniz (MNA/DGPC)
Carlos Morgado (MNA/DGPC)
Mário Antas (MNA/DGPC)
João Pedro Silva (MNA/DGPC)
João Nuno Reis (Divisão de Arquivo
Inventariação e Bibliotecas/Departamento de
Bens Culturais/DGPC)
Luís Antunes (MNA/DGPC)
Luísa Guerreiro (MNA/DGPC)
Paulo Alves (MNA/DGPC)
Salvador Batista (MNA/DGPC)
William Pimenta (MNA/DGPC)

TRADUÇÃO DE TEXTOS
Inpokulis Traduções

REVISÃO DE TEXTOS
Ana Caessa (MNA/DGPC)
Elena Moran

PLANO DE COMUNICAÇÃO
Divisão de Comunicação e Informática (DGPC)
Helena Martelo, António José Soares Cruz

FOTOGRAFIAS

Arquivo de Documentação Fotográfica da Direção-Geral do Património Cultural (ADF/DGPC) — José Paulo Ruas, José Pessoa, José Rúbio. MNA/DGPC, António Ventura, Margarida Santos, Paulo Alves, Rita Matos. Daniel Oliveira, António Faustino Carvalho, Rui Luís, AESDA, Arqueohoje, Palimpsesto, Luís Bravo Pereira, Maria de Jesus Sanches, Joana C. Teixeira, Maria Helena Barbosa, João A. Perpétuo, VN3000, Mário Novais, Monteiro-Rodrigues, Marco Andrade, J. L. Cardoso, Era Arqueologia, R. Parreira, R. Soares, V. S. Gonçalves, António Valera, M. A. Blanco, R. de Balbín Behrmann, M. A. Cabrera, J. Coca, M. Díaz-Guardamino, N. Fakoorzadeh, A. Fernández, L. Lammerhuber, L. Larsen, A. Martínez Levas, C. Martín, M. A. Marín, D. Oliveira, I. Palaguta, P. Quesada, J. Quinlan, A. Ramos, M. Reina, E. Starkova, V. Schulmeister, F. Velasco, S. Vicente, M. Torquemada, Conjunto Arqueológico Dólmenes de Antequera, National Museum of Denmark e Paisajes Españoles, M. Soria, M. Sanchez, Salvador Delgado Aguilar, José Manuel Sala, Museo de Bellas Artes de Castellón, Museo de Prehistoria de Valencia, Museo de Málaga, Juan Pedro Bellón, Museo de Alcoy, Museo de Almería, Eva Rocamora, Susana Vicente Galende, Eloisa Waternberg, Josep Lluís Pascual, Francisco Blasco, Teresa Ximénez de Embún

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Margarida Santos (MNA/DGPC)
Rita Matos (MNA/DGPC)

AUDIOVISUAIS

Gustavo Vilchez
Rocamora Diseño y Arquitectura

ILUSTRAÇÕES

Miranda Dreams

ENTIDADES EMPRESTADORAS PORTUGUESAS

Associação dos Arqueólogos Portugueses/
Museu Arqueológico do Carmo
Associação dos Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Câmara Municipal de Cascais/Museu da Vila
Câmara Municipal de Portimão/Museu de Portimão
Câmara Municipal de Torres Vedras/Museu Municipal Leonel Trindade
Direção Regional de Cultura — Alentejo
ERA — Arqueologia/Núcleo de Investigação Arqueológica
Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG)/Museu Geológico
Museu Nacional de Arqueologia
Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Universidade de Lisboa
UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ENTIDADES EMPRESTADORAS ESPAÑOLAS

Museo Arqueológico Nacional
Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid

Museo de Málaga
Museo de Huelva
Museo de Jaén
Museo de La Carolina
Museo de Almería
Museo Arqueológico y Etnológico de Córdoba
Museo Arqueológico Provincial de Badajoz
José Iñesta (particular)
Museo de Gavà
Museo de Valladolid
MARQ Museo Arqueológico de Alicante
Museo «Camil Visedo Moltó» de Alcoy
Museo de Prehistoria de Valencia
Museo de Bellas Artes de Castellón
Museo Arqueológico Municipal de Lorca

AGRADECIMENTOS

Ana Isabel Palma Santos, Associação dos Arqueólogos Portugueses — Museu do Carmo (José Morais Arnaud, Célia Pereira, César Neves), Câmara Municipal de Alter do Chão (Francisco António Martins dos Reis), Câmara Municipal de Cascais (Carlos Carreiras, João Miguel Henriques, Susana Pombal), Câmara Municipal de Mora (Luís Simão), Câmara Municipal de Portimão (Isilda Gomes, Isabel Soares, António Pereira), Câmara Municipal de Torres Vedras (Carlos Manuel Antunes Bernardes, Isabel Luna, Francisca Ramos, Rui Silva) Companhia das Lezírias (António João Coelho de Sousa), Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (Susana Pombo), DGPC (Paula Mateus Azevedo, Susana Martins, Paula Figueiredo, José António Gonçalves), Direção Regional de Cultura-Alentejo (Ana Paula Amendoeira, Rafael Alfenim), ERA — Arqueologia/ Núcleo de Investigação Arqueológica (António Valera) Ferrovia S. A. (Tiago Borges, Carlos Marinho, Maria Grego), Fundação Millennium BCP (Embaixador António Monteiro, Fátima Dias), El Corte Inglés (Enrique Hidalgo Miralles), Imprensa Nacional (Duarte Azinheira), Lusitania Seguros, S. A. (Catarina Major, Tiago Serra), Câmara Municipal de Loulé (Vitor Aleixo, Dália Paulo, Ana Rosa Sousa), Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Joaquina Soares, Ana Férias), Museu Geológico — LNEG (Miguel Magalhães Ramalho, Rúben Dias, José Anacleto), Nuno Quelhas, Pastéis de Belém (Miguel Clarinha), Museu Nacional de História Natural e da Ciência/Universidade de Lisboa (Marta C. Lourenço, Liliana Póvoas), UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Mariana Diniz), Vila Galé - Hotéis (Jorge Rebelo Almeida, Gonçalo Rebelo Almeida), Julia Elena Aguilera Collado, José Maria García Rincón, María Dolores Baena Alcántara, Vicente Barba Colmenero, Juan P. Bellón Ruiz, Núria Benavent Bataller, Fereidoun Biglari, Josep Bosch Argilagos, Carmen Cacho Quesada, Andrés Carretero Pérez, Felipa Díaz Fernández, María Jesús de Pedro Michó, Alexandra Encarnação, Juan Javier Enríquez Navascués, Inmaculada Escobar García, Carlos Ferrer García, Enric Flors Ureña, Eduardo Galán Domingo, Carlos García Sánchez, José María García Rincón, Beatriz Gavilán Ceballos, María Soledad Gil de los Reyes, Francisca Hornos Mata, Ian Hodder, Ángela Jiménez Belda, Anton Kern, Guillermo Kurtz Schaefer, Rosario León

Marín, Encarnación Maldonado Maldonado, Concepción Martín Morales, Julián Martínez García, Andrés Martínez Novillo, Alba Martínez Pérez, Andrés Martínez Rodríguez, Luis Pablo Martínez Sanmartín, María Ascensión Morente del Monte, María Jesús Moreno-Garrido, Raúl Moya Vidal, Luis Enrique Miquel Santed, Ferrán Olucha Montins, Arturo Oliver Foix, José Á. Palomares Samper, Diómedes Parra Rodríguez, Peter Pentz, María Isabel Pérez Bernáldez, Pablo Quesada Sanz, Miguel Ramalho, Manuel Ramos Lizana, Pedro Ramos Miguel, Bartolomé Ruiz González, Concepción San Martín Montilla, Jose María Segura Martí, Thomas Schuhmacher, Andrés Silva Cordero, Ana C. Sousa, Juan Manuel Vargas Jiménez y Eloisa Wattenberg García, Luis Palop Fernández, Juan Antonio López Padilla.

CATÁLOGO

Coordenadores científicos
Primitiva Bueno Ramírez
Jorge A. Soler Díaz

TEXTOS DE COLABORAÇÃO

Ángel Rocamora Ruiz, Ana Catarina Sousa, Andrea Martins, António Carlos Valera, António Faustino Carvalho, Catarina Costeira, César Neves, Elena Morán, Joana Castro Teixeira, João André Perpétuo, João Luís Cardoso, Jorge A. Soler Díaz, Jorge Oliveira, José Arnaud, Leonor Rocha, Marco António Andrade, Maria Helena Barbosa, Maria de Jesus Sanches, Mariana Diniz, Primitiva Bueno Ramírez, Rui Mataloto, Rui Parreira, Victor S. Gonçalves

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

António Carvalho
Livia Cristina Coito

PARCEIRO EDITORIAL

Imprensa Nacional (IN)

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Imprensa Nacional–Casa da Moeda (INCM)

DESENHO E MAQUETAGEM

REVISÃO DE TEXTOS

Sofia Roborg–Sondergaard (GoodSpell)
Livia Cristina Coito
Luis Sanz

DEPÓSITO LEGAL

485 656/21

978–972–27–2941–3 (INCM)

978–972–776–587–4 (DGPC)

EDIÇÃO N.º 1024787

Impresso em agosto de 2021

Todos os direitos reservados ao abrigo do código dos direitos de autor e direitos conexos.

Nota:

Os nomes de pessoas, as designações de instituições e os topónimos apresentam-se nesta edição na língua original.

ÍNDICE

- 25 Relatos de imagens solares na Pré-História recente do Ocidente ibérico. Reflexões a partir do projeto científico, expositivo e divulgativo «Ídolos. Olhares Milenares»
PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JORGE A. SOLER DÍAZ
- 53 A figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico antigo, da Valada do Mato (Évora, Portugal), ou a importância do corpo humano
MARIANA DINIZ
- 67 Olhares inesperados. A estela antropomórfica neolítica do Algar do Bom Santo (Lisboa) no seu contexto funerário e ritual
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO
- 77 Trespessando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-História recente do Norte de Portugal
MARIA DE JESUS SANCHES, JOANA CASTRO TEIXEIRA, MARIA HELENA BARBOSA, JOÃO ANDRÉ PERPÉTUO
- 103 O simbólico em Vila Nova de São Pedro: ídolos, estatuetas e simbologia
ANDREA MARTINS, MARIANA DINIZ, CÉSAR NEVES, JOSÉ MORAIS ARNAUD
- 123 Recuperando contextos e interpretações de ídolos nas antigas sociedades camponesas do Centro e Sul de Portugal: o Arquivo Leisner e os arquivos históricos da Arqueologia portuguesa
ANA CATARINA SOUSA
- 149 A propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular (3200-2500 a.n.e.). Um depoimento pessoal
VICTOR S. GONÇALVES
- 171 Os «báculos» das sociedades agropastoris do Sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a. C.)
JOÃO LUÍS CARDOSO

- 201 Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz)
ANTÓNIO CARLOS VALERA
- 213 *À sua imagem e semelhança*. De deuses, ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.^o e 3.^o milénios a.n.e. no Sul de Portugal
MARCO ANTÓNIO ANDRADE, CATARINA COSTEIRA, RUI MATALOTO
- 251 Tributos aos deuses: Os ídolos em contextos funerários da Pré-História recente no Sul de Portugal
LEONOR ROCHA
- 269 Monólogos entre ídolos-placa e pinturas esquemáticas na serra de S. Mamede (Alentejo, Portugal)
JORGE OLIVEIRA
- 287 Ídolos e manifestações do sagrado no 4.^o e 3.^o milénios a.n.e. no território de Alcalar (Algarve, Portugal)
RUI PARREIRA, ELENA MORÁN
- 307 Um legado artístico excecional. Breve apontamento sobre peças singulares da exposição «Ídolos. Olhares Milenares», Museo Arqueológico de Alicante, Museo Arqueológico Regional de Madrid e Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa
PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JORGE A. SOLER DÍAZ
- 349 «Ídolos. Olhares Milenares». Projeto museográfico temporário nos Jerónimos, no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa
ÁNGEL ROCAMORA RUIZ



Relatos de imagens solares na Pré-História recente do Ocidente ibérico. Reflexões a partir do projeto científico, expositivo e divulgativo «Ídolos. Olhares Milenares»

PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JORGE A. SOLER DÍAZ

1. ÍDOLOS: OLHARES MILENARES

As grandes exposições arqueológicas são uma oportunidade única de resgatar do esquecimento temáticas injustamente afastadas, dimensionando publicamente o valor social de diversas materialidades do passado. Este objetivo presidiu ao trabalho de investigação, documentação, recuperação, conservação e divulgação que, ao longo de quase cinco anos, realizámos com equipas do Museo Arqueológico de Alicante, do Museo Arqueológico Regional de Madrid e do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. A seleção das figurinhas que a investigação peninsular tem vindo a denominar como *Ídolos* (Soler, 2020a, p. 40) responde ao duplo interesse de dispor de uma visão conjunta das primeiras evidências generalizadas de representação de figuras humanas na Pré-História recente da Península Ibérica e de oferecer um conhecimento atualizado de um panorama praticamente inédito no contexto europeu (Insoll, 2017; Scarre, 2017).

Os volumes publicados por ocasião desta exposição oferecem uma abundante informação sobre o seu papel de destaque nos contextos da Pré-História recente portuguesa (Bueno e Soler, 2020a e 2020b). Mas demonstra-se imprescindível uma monografia sobre Portugal para sublinhar a transcendência historiográfica (Andrade et al., Cardoso, Gonçalves, neste volume; Martins, 2013; Oliveira e Sousa, neste volume), as contribuições para os registos megalíticos (Cardoso, Carvalho, Gonçalves, Morán e Parreira, Rocha, Oliveira, Sanches et al., Sousa, neste volume) e as novas linhas de documentação em contextos não funerários (Diniz, Andrade et al., Martins et al., Morán e Parreira, Oliveira, Sanches et al., Valera, neste volume).

O nível de informação que procuramos projetar não teria sido possível sem o apoio determinado de instituições museológicas de toda a Península (29 museus), e de um importante número de colegas (69) que contribuíram para o estado atual de uma investigação que é produto da qualidade e trajetória de numerosas equipas. Ambos os aspetos são fundamentais para transmitir ao público em geral que uma boa divulgação tem de partir necessariamente de uma excelente investigação. As investigadoras e investigadores que colaboraram oferecem uma visão do peso das diferentes escolas teóricas aplicadas à interpretação da Pré-História ibérica recente que passou do historicismo da primeira metade do século XX para o protagonismo da história social da segunda metade do século XX e para o pós-processualismo do século XXI. A exposição dessa diversidade interpretativa revela a riqueza destas perspectivas, que, cada uma em diferentes medidas, somam inegáveis matizes e argumentos de reflexão. O contraste com o estudo destas materialidades no resto da Europa (figurinhas humanas, animais e objetos de diversos tipos) amplia o leque das formas como a investigação as abordou. Partilhamos uma arqueologia romântica instalada no historicismo oitocentista. Esta transforma-se, especialmente a partir da utilização generalizada do I_4C (Renfrew, 1973), num percurso cada vez mais assente em dados científicos que alteraram e continuam a alterar as interpretações da Pré-História recente da Europa, em geral, e da Ibéria, em particular.

As figurinhas europeias do 6.^o milénio a. C. reúnem, por um lado, iconografias e fórmulas orientais, um aspeto mais visível em produções balcânicas e carpáticas, conjuntamente com registos de tradição paleolítica (Soffer et al. 2000; Hoffman, Becker, Palaguta, Paglietti, 2020). A partir do Neolítico

FIG. 1

Capas das publicações da exposição no MARQ, Museo Arqueológico de Alicante; MAR, Museo Arqueológico Regional de Madrid e Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. Bueno e Soler, ed. lit. — *Ídolos: Miradas milenarias*. Catálogo, Alicante: MARQ, 2020. 390 p. ISBN 978-84-09-17935-0; Bueno e Soler, ed. lit. — *Ídolos: Miradas milenarias*. Guia catálogo. Madrid: MAR, 2020. 148 p. ISBN 978-84-4561-3863-2. Bueno e Soler — *Ídolos: Olhares milenares*. Guia da Exposição. Lisboa: MNA; IN, 2021. 170 p. ISBN 978-972-776-584-3 e Bueno e Soler, ed. lit. — *Ídolos: Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: MNA; IN, 2021.



médio e, sobretudo, no Neolítico final e Calcolítico, a sua intensidade, extensão, especializações e quantidade de itens, fazem das figurinhas neolíticas e calcolíticas o conjunto mais difundido e utilizado em toda a Pré-História europeia (Becker, Boric, Hansen, Hoffman, Palaguta, Scarre, Sotirakopoulou, Vella, 2020).

Na Ibéria, o estudo das figurinhas foi significativamente relegado pela dificuldade de dispor de leituras conjuntas para além de panoramas singulares (uma só jazida, uma peça destacada), uma tipologia específica (placas, cilindros, etc.), ou uma área geográfica (Alentejo, Andaluzia, etc.). As publicações em espanhol e em português, além dos problemas de datação relacionados com a matéria-prima em que são realizadas a maioria destas figurinhas (xisto, arenito, calcário, mármore...), são outros fatores que influenciaram a sua escassa divulgação internacional.

A exposição *Ídolos. Miradas Milenarias/Ídolos. Olhares Milenares* mostra ao público e à investigação o enorme potencial do estudo destas pequenas imagens de corpos humanos que, presumivelmente vestidas com mantos com decorações geométricas, por vezes com capuzes ou adornos na parte superior da cabeça e penteados sofisticados (tranças elaboradas), se exibem geralmente de pé, frente ao espectador. Apresentam diferentes tamanhos que vão de pequenas peças utilizadas como pendentes pessoais a figuras associadas a algum outro material ou expostas como pequenas estelas sobre altares ou em recintos circunscritos. As pequenas figurinhas que nos ocupam revelam também o valor dos elementos externos para informar sobre o estatuto, proveniência, género, idade e trajetórias sociais, para além de crenças, relatos funerários e quotidianos (Bayley, 2005; Bueno, 2020a; Fowler, 2004; Gero e Conkey, 1991; Knapp e Van Dommelen, 2008 entre outros).

A sua anatomia expressa-se com formas abstratas que partem da conceptualização das pedras como corpos humanos, numa simbiose entre seres humanos e natureza que constitui um dos parâmetros mais reveladores do megalitismo (Bueno et al., 2008a, 2015a, 2017a; Calado, 2002; Scarre, 2009). A parte superior do corpo é deduzida da posição das peças, bem como a partir da representação de arcos supraciliares vincados e linhas onduladas sob olhos que, ocasionalmente, se pormenorizam como pares de sóis. Existem diferentes versões em que no rosto não costuma aparecer a boca, sendo mais abstratas as que apresentam arcos supraciliares e nariz combinados numa única forma em T (por vezes em relevo), e mais barrocas, as que situam os olhos de sol como a imagem mais impressionante de rostos que se completam com «tatuagens». Ambas as versões coexistem na Ibéria tanto nas figurinhas móveis como em versões sobre cerâmica ou suportes parietais, assegurando a compacidade e extensão destas fórmulas humanas codificadas, com especial concentração no Sudoeste ibérico e conexões no Atlântico e no Sul da Europa.

Ocasionalmente, os «ídolos» apresentam braços e mãos apoiados em triângulos púbicos de raízes profundas nas figurinhas femininas paleolíticas. Formas maiores destas figuras assinalam-se como suportes nos megálitos ou em peças ao ar livre, confirmando as relações entre figurações humanas com papéis diferenciados no conjunto das expressões megalíticas (Bueno et al., 2005, 2007, 2016b; Cerrillo et al., 2019), como sucede noutros ambientes europeus.

Na Ibéria existe um rico acervo de imagens humanas nas representações rupestres — único na Europa nessa quantidade, variedade e diacronia — que contribui com algumas das explicações para compreender o papel das figurinhas móveis (Bueno e Soler, no prelo). A pintura esquemática pormenoriza as figuras humanas como corpos completos com pernas e pés, incluindo vestuário, pormenores sexuais e de tamanho das representações que estimulam a hipótese da representação de diferentes géneros e idades nas peças móveis (Barciela, 2020; Bueno et al., 2018; Bueno, 2020b; Soler, 2020b).

A decoração pintada dos suportes parietais ibéricos (ar livre e megálitos) oferece o «silabário» para interpretar as peças móveis que nos ocupam. As narrativas dos abrigos pintados descrevem eventos de agregação social que se expressam através de danças (nas quais podemos deduzir o papel da música), exposição de linhagens (Martinez, 2002) e alusões à caça, que provavelmente evocam os antepassados. Presididas pelo Sol, estas cenas são dispostas em abrigos e grutas de orientação preferencial para leste ou leste e sudeste, como os próprios megálitos (Bueno et al., 2015b, 2016b; Soler e Ferrer, 2020, entre outros). Sóis que protagonizam a imagem que está no centro destas cenas, figuras de braços levantados para o céu onde aparece o Sol, ou rostos com olhos de sol e tatuagens que «saem» das pedras (Bueno et al., 2009) constituem a base do aparelho ideológico onde as figuras humanas disfarçadas de Sol ocupam posições hierarquizadas, como se pormenoriza nalguns painéis rupestres. As grandes máscaras exibidas nalguns antropomórficos, por vezes em atitude de dança ou movimento como nos abrigos dos Oculados de Henarejos, Cuenca, e Los Órganos, Jaén, relacionáveis com bitriangulares, ramiformes e indivíduos em T, constituem uma evidência única para compreender que parte dos olhos de sol poderiam ser máscaras realizadas em materiais orgânicos. Tal não descarta a utilização de pinturas ou de tatuagens que reproduziam de modo mais abstrato e singularizado as mesmas imagens que vemos completas nos abrigos (Oliveira, Sanches et al., neste volume).



1



3



2



4



5



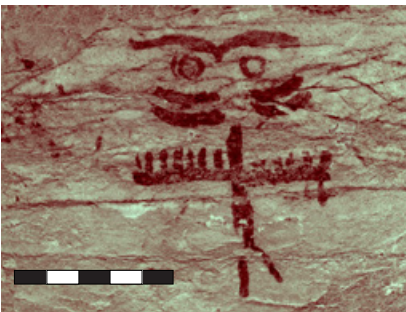
6



7



8



9



11



10



O estudo da decoração parietal e móvel do sepulcro de Montelirio, Sevilha, concretiza algumas destas hipóteses graças ao nível de conservação dos contextos. Nas paredes, as imagens de oculados são dispostas próximas, por pares, repetindo as associações que assinalámos mais acima nas pinturas dos abrigos. Os olhos de sol enquadram-se em decorações geométricas que chegam até à base dos esteios, reiterando o vestuário dos suportes megalíticos desde as suas mais antigas representações, razoavelmente identificável com o que exibem as placas decoradas e outras imagens de figurinhas móveis. Uma estela em barro com olhos de sol, pintada de branco, preto e vermelho, ocupa um lugar central ao qual chegaria o sol, visto que o monumento está orientado para leste. Aos seus pés, diversas oferendas sobre uma «toalha» colorida a vermelho de cinábrio, incluem objetos de proveniências forâneas. As mulheres enterradas, mais de 20, exibiam mantos até aos pés com bordados de contas organizados horizontal e verticalmente, como os das figurinhas. Terão elas morrido envenenadas pelo cinábrio, talvez por terem tatuagens feitas com essa substância? Embora as particularidades destes envenenamentos com cinábrio possam ser mais complexas, não restam dúvidas de que o monumento de Montelirio, realizado e ocupado durante a primeira metade do 3.º milénio cal BC, oferece uma imagem do nível de complexidade dos rituais funerários herdados dos primeiros construtores de megálitos (Bayliss et al., 2016; Bueno et al., 2016b, 2019a, 2019b).

Os relatos partilhados em cenários naturais com possibilidades de audiência são sintetizados nas figuras móveis, que adotam ocasionalmente disfarces solares para se situarem na posição de destaque que lhes concedem as narrativas orais dos suportes ao ar livre. Da natureza aos contextos funerários, do coletivo ao individual (familiar ou de linhagem), as figurinhas reúnem biografias ancestrais, absorvendo múltiplos significados que podem ser seguidos ao longo da diacronia dos megálitos e de todos os seus contextos contemporâneos.

Os *Ídolos* são modelos em fórmulas codificadas que recolhem, por um lado, as imagens reconhecíveis na arte esquemática: cruciformes, ancoriformes, bi e tritriangulares, e, por outro, a forma dos próprios suportes megalíticos, alongados e com volume, como os bétilos e cilindros em todas as suas versões, reproduzindo formas clássicas de menires; ou planos, como as placas, tal como esteios decorados e estelas, além de um importante conjunto de objetos: bolotas, bainhas de possíveis punhais cerimoniais, sandálias, polidores, caixinhas decoradas, machados encabados, foices e, com muito destaque, báculos decorados. Figuras humanas, zoomórficas e objetos reiteram os elementos representados em instalações do resto da Europa com a mesma cronologia.

A relação entre alguns dos objetos decorados do 4.º e 3.º milénios cal BC e as figurinhas consolida a hipótese de longas trajetórias nas quais colares, machados encabados e báculos se associam às primeiras imagens em pedra do megalitismo ocidental — os menires. A sua perduração na memória coletiva como itens relacionados com a representação dos antepassados (*versus* representação de poder social sustentado na ancestralidade) até praticamente à Idade do Bronze dispõe de cronologias cada vez mais estabelecidas na Ibéria. Situar em 2200 cal BC as últimas figurinhas da Península Ibérica propõe um ponto de inflexão que as investigações futuras terão de certificar plenamente. Alguns dados anunciam persistências mais amplas. É o caso da estatuária mediterrânica da Idade do Bronze, por vezes fixada a partir de modelos de figurinhas (Sotirakopoulou, 2020; Vella, 2020), ou da ibérica, na qual os modelos das figurinhas são identificáveis em algumas das suas tipologias (Barroso, 2020; Barroso et al., 2021; Bueno, 2010, 2020a; Bueno et al., 2005, 2007).

FIG. 2

Antropomorfos rupestres com máscaras: 1. Los Órganos, Santa Elena (Jaén): calco (González Navarrete, 1966; Lám. 4) e imagem digital de C. Moreno tratada com *DStretch program* (Martínez e López, 2020, fig. 5); 2. Arroyo Hellín, Chiclana de Segura (Jaén), calco (Soria, Lopez e Zorrilla, 2001, fig. 21); 4. Abrigo I Cabeçó d'Or, Rellou (Alicante) (Soler, Barciela e Ferrer, 2018, fig. 18); 9. Abrigo 11 de Regato das Bouças, Mirandela (Bragança) (Sanches, Morais e Teixeira, 2016). Foto M. Sanchez; 11. Abrigo de los Oculados, Henarejos (Cuenca). Calco (Ruiz, 2006, fig. 3) e imagem de F. J. Ruiz. Rostos rupestres: 7. Cueva de la Diosa Madre, Segura de la Sierra (Jaén) (González Navarrete, 1967, lám. 8). Foto M. Soria; 10. Peña Escrita, Tárbena (Alicante) (Soler e Barciela, 2018, fig. 15). Antropomorfos móveis (todos na mesma escala) sobre lâmina em osso; 3. Tritriangulares. Cova d'En Pardo, Planes (Alicante) e 5-6. Ancoriformes: Cova de la Barcel·la (5), Torremanzanas (Alicante) e Cueva de los Blanquízares de Lébor (6), Totana (Murcia). 8. Cilindro pétreo com rosto. Moncaparacho, Olhão (Faro). Imagens publicadas (Bueno e Soler, ed. lit., 2020a e b) de peças depositadas no Museo Arqueológico de Alcoy (4), no Museo Arqueológico de Alicante — MARQ (5), no Museo de Almería (6) e no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (8).

FIG. 3

Ídolo cilindro oculado. Calcário.
Cabezo de El Conquero (Huelva).
Museo de Huelva. Foto © Salvador
Delgado Aguilar.



No seu conjunto, as figurinhas ibéricas demonstram uma variedade única em suportes e formas, além de um código específico que as singulariza relativamente ao resto dos casos europeus. Este revela o protagonismo de imagens humanas revestidas do poder do Sol, que ilumina os campos e os corpos e pedras dos antepassados, dando vida e sustentando a reprodução económica e social daqueles que protagonizaram os primeiros latejos da produção e da metalurgia. Emocionarmo-nos com elas faz parte do reconhecimento das longínquas raízes da nossa própria cultura, que partilha símbolos e modos de os expressar com este acervo de um passado ancestral em todo o território ibérico.

As figurinhas de tamanhos e formas diversas não nos deixaram indiferentes no passado, nem nos deixam indiferentes no presente, aproximando-nos dos códigos visuais com que estes grupos se quiseram fazer ver ao longo de gerações.

2. TEMPOS E SÍTIOS NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO SUDOESTE IBÉRICO: CONTEXTOS DOS ÍDOLOS

As paisagens do Neolítico e Calcolítico peninsulares caracterizam-se por partilhar marcadores gráficos em arquiteturas naturais e em arquiteturas artificiais. Afloramentos visíveis e grutas naturais inspiraram o levantamento artificial de pedras, para serem dispostas ao ar livre ou em estruturas funerárias fechadas que albergavam os restos dos antepassados. As superfícies de algumas pedras receberam pinturas e gravuras que fixaram relatos visíveis, geração após geração, sendo o Ocidente peninsular um dos exemplos mais ricos destes suportes: menires, estelas e rochas ao ar livre.

Uma ideia generalizada de que o «atlantismo» da Pré-História recente ocidental a associava às gravuras relegou a investigação sobre a arte esquemática pintada, cuja melhor plataforma foi e continua a ser o importante conjunto de megálitos decorados em que se começou a intervir desde os inícios do século XX. Os esforços de documentação que têm vindo a ser realizados desde a década de 1990 (Alves e Comendador, 2017; Figueiredo e Baptista, 2013; Bettancourt e Abad, 2014, entre outros) levaram a importantes descobertas, entre as quais se deve destacar o abrigo das Oculadas (Sanches, 2016; Sanches et al., neste volume). Os construtores de megálitos do Norte da Península tiveram uma participação ativa na realização de símbolos tradicionalmente relacionados com o Sul da Península (Bueno e Balbín, 1992; Bueno et al., 2010a, 2012, 2013a, 2016a, e no prelo; Fábregas et al., 2020; Rodríguez Rellán et al., 2019 entre outros).

FIG. 32

172. Ponta de seta/Sílex/
3300-2500 a. C./Anta Grande
do Olival da Pega, Reguengos
de Monsaraz (Évora)/Museu
Nacional de Arqueologia
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/
José Paulo Ruas.

173. Ponta de seta/
Sílex/3300-2500 a. C./Anta
Grande do Olival da Pega,
Reguengos de Monsaraz
(Évora)/Museu Nacional de
Arqueologia (Lisboa) /
Foto © DGPC/ADF/José Paulo
Ruas.

174. Lâmina/Sílex/
3300-2500 a. C./Anta Grande
do Olival da Pega, Reguengos
de Monsaraz (Évora)/Museu
Nacional de Arqueologia
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/
José Paulo Ruas.

175. Pendente triangular/
Xisto/3300-2500 a. C./Anta
Grande do Olival da Pega,
Reguengos de Monsaraz
(Évora)/Museu Nacional de
Arqueologia (Lisboa)/
Foto © DGPC/ADF/José Paulo
Ruas.

176. Contas de colar/
Quartzo/3300-2500 a. C./
Anta Grande do Olival da Pega,
Reguengos de Monsaraz
(Évora)/Museu Nacional de
Arqueologia (Lisboa)/
Foto © DGPC/ADF/José Paulo
Ruas.

177. Vaso/Cerâmica/
3300-2500 a. C./Anta Grande
do Olival da Pega, Reguengos
de Monsaraz (Évora)/Museu
Nacional de Arqueologia
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/
José Paulo Ruas.

178. Vaso/Cerâmica/
3300-2500 a. C./Anta Grande
do Olival da Pega, Reguengos
de Monsaraz (Évora)/Museu
Nacional de Arqueologia
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/
José Paulo Ruas.

179. Vaso/Cerâmica/
3300-2500 a. C./Anta Grande
do Olival da Pega, Reguengos
de Monsaraz (Évora)/Museu
Nacional de Arqueologia
(Lisboa)/Foto © DGPC/ADF/
José Paulo Ruas.



ISBN 978-972-27-2941-3



9 789722 729413



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural



MARQ
MUSEO ARQUEOLÓGICO DE ALICANTE



MUSEO
ARQUEOLÓGICO
REGIONAL



PARCEIRO EDITORIAL:

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

MECENAS INSTITUCIONAL:

LUSITANIA
SEGUROS

APOIOS:



ferrovial
serviços

El Corte Inglés

